

O MODELO DOS ESQUEMAS SEQÜENCIAIS DE J.-M. ADAM: SOLUÇÃO OU PROBLEMA?

Maria Eduarda GIERING (UNISINOS)

O modelo tipológico textual de Jean-Michel Adam tem orientado muitas propostas metodológicas sobre a heterogeneidade discursiva. Na prática da análise de textos, entretanto, sua aplicação acarreta mais questionamentos do que soluções. Neste artigo, faremos breve exposição do modelo dos esquemas seqüenciais e teceremos algumas considerações críticas, apresentando problemas e contradições internas.

Na tentativa de dar conta das instigações bakhtinianas sobre a existência de "tipos relativamente estáveis de enunciados" (BAKHTIN, 1992, p. 279) e sobre a "heterogeneidade da estrutura composicional" dos enunciados do discurso (id., *ibid.*, p. 305), J.-M. Adam postula uma teoria baseada na concepção de organização seqüencial da textualidade, a qual constitui a base para uma tipologia de "esquemas seqüenciais prototípicos". Para o autor, a única forma da lingüística textual teorizar sobre a heterogeneidade textual consiste em situar a sintaxe das "grandes massas verbais" não no nível do texto¹, mas no da seqüência, noção que passa a ser fundamental no quadro teórico que propõe. A elaboração de uma tipologia de discursos também não se

¹ Para J.-M. Adam, texto é o "objeto abstrato construído por definição e que deve ser pensado no quadro de uma teoria (explicativa) de sua estrutura composicional" (ADAM, 1992, p. 15), oposto a discurso. Embora essa distinção, por si só, já seja polêmica, não a enfocaremos neste artigo.

revelaria pertinente, segundo ele, pois implicaria considerar os gêneros discursivos e a imensa complexidade tipológica ligada às formações discursivas. J.-M. Adam (1994) situa a originalidade de seu trabalho na hipótese da seqüência como unidade constituinte do texto, princípio que permite criar uma tipologia seqüencial.

A partir da publicação de 1989 — com André Petitjean — e especialmente a partir da obra *Éléments de linguistique textuelle*, J.-M. Adam preocupa-se em melhor fundamentar as bases que sustentam a hipótese de que o “efeito de texto” é produto de uma inferência de duas dimensões: uma semântico-pragmática, que o lingüista denomina de “configuracional”, com seus componentes argumentativo, enunciativo e semântico-referencial; outra “seqüencial” na qual se situam “as categorias textuais puras” (ADAM E PETITJEAN, 1989, p. 81): a descrição, narração, argumentação, explicação, etc.

O esquema da Figura 1 detalha os “planos” complementares que, na perspectiva pragmática e textual que J.-M. Adam diz adotar, levam a considerar o texto como “configuração regida por diversos módulos ou subsistemas em constante interação” (ADAM, 1992, p. 20).

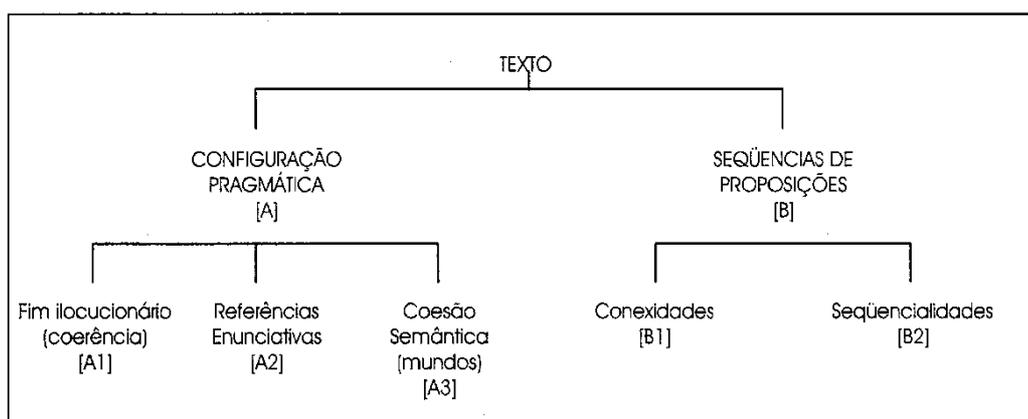


Figura 1 - Esquema dos planos complementares (ADAM, 1992, p. 21).

J.-M. Adam explica que os três primeiros planos, também chamados “módulos de gestão” (ADAM, 1992, p. 21), correspondem à pragmática do discurso [A], os dois últimos vinculam-se ao fato de que “um texto é seqüência não aleatória de proposições” (id., *ibid.*, p. 20) [B].

A dimensão pragmática ou configuracional² é a que dá conta do texto como unidade significante³ e se distingue lingüisticamente em três planos: o fim ilocutório [A1], as referências (ancoragens e planos) enunciativas [A2] e a representação construída do “mundo” do texto, ou seja, a organização semântico-referencial [A3]. Na dimensão seqüencial, J.-M. Adam situa a conexidade [B1], ou seja, a organização geral das proposições baseada na gramática da frase e na gramática do texto, e a organização seqüencial (protótipos de seqüência) [B2].

Tendo em vista o espaço limitado deste artigo, enfocaremos apenas o plano B2.

O plano da seqüencialidade embasa-se sobre a hipótese de que “esquemas seqüenciais prototípicos sejam progressivamente elaborados por sujeitos, ao longo de seu desenvolvimento cognitivo” (ADAM, 1992, p. 28). Cada seqüência reconhecida, por exemplo, como descritiva, embora seja “original”, partilha com as outras certo número de características lingüísticas de conjunto, “um *ar de família* que incita o

² J.-M. Adam remete à noção de P. Ricoeur de “configuracional”, para quem uma narrativa possui, na base de sua inteligibilidade, não somente um caráter episódico, mas igualmente um caráter configurado, isto é, envolve a formação de um todo.

³ Na dimensão configuracional da textualidade, o texto é visto como “objeto semiológico produzido para fins de interação” (ADAM, 1987, p. 58).

leitor interpretante a identificá-las como seqüências descritivas mais ou menos típicas, mais ou menos canônicas” (id., ibid., p. 28).

A hipótese de existir um número reduzido de tipos de reagrupamentos de proposições elementares que fundamenta esse plano de organização seqüencial, permite, segundo J.-M. Adam, teorizar “de modo unificado sobre os ‘tipos relativamente estáveis de enunciados’ ou ‘gêneros primários de discurso” (1992, p. 28), postulados por Bakhtin. O lingüista considera esse plano fundamental na sua teoria, pois, ao dar conta do empacotamento hierárquico das unidades constitutivas de um texto, possibilita, segundo ele, abordar a questão da heterogeneidade textual.

J.-M. Adam define a seqüência como unidade do texto constituída de “conjunto de proposições, as macroproposições, as quais são constituídas de n (micro)proposições” (1990, p. 85). Esquemáticamente, a estrutura elementar válida para todos os textos seria (id., ibid., p. 85):

[#T# [Seqüência(s) [macroproposiçã(o)es] [proposiçã(o)es]]]]

em que se lê por /#/ a delimitação de um texto por marcas de início e fim.

O texto passa, assim, a ser explicado como grandeza definida em partes: “comporta um número n de seqüências completas ou incompletas, sendo n compreendido entre 1 e um número teoricamente ilimitado” (ADAM, 1990, p. 84). A vantagem dessa proposta, assegura J.-M. Adam, é a de, ao se poder definir cada unidade como constituinte

de uma unidade de ordem hierárquica superior e constituída de unidades de ordem inferior, dispor de uma abordagem unificada da seqüencialidade textual.

Em *Types de séquences textuelles élémentaires*, publicado em 1987, é postulada a existência de sete tipos de estruturas seqüenciais de base: narrativa, descritiva, argumentativa, explicativa, dialogal, injuntiva-instrucional e poética-autotélica. Na obra *Eléments de linguistique textuelle* (1990), J.-M. Adam descarta a seqüência poética por considerá-la não regida pela estrutura hierárquica de ordem de proposições que definem o modo de estruturação seqüencial. Na publicação de 1992, abandona igualmente a idéia da existência de uma seqüência injuntivo-instrucional pois essa

se reduz seja a uma simples descrição de ações [...] seja a atos de linguagem, e indica planos ilocutórios (A1) e enunciativos (A2) da organização textual e não a seqüencialidade (B2) propriamente dita (ADAM, 1992, p. 33).

Também na publicação de 1990, faz considerações sobre as semelhanças entre as seqüências explicativa e dialogal. São, segundo o lingüista, “duas formas de atualização das mesmas seqüências de macroproposições (questão + resposta + avaliação)” (ADAM, 1990, p. 89), porém diferenciando-se pelo modo de atualização, a primeira monologal, a segunda, dialogal.

J.-M. Adam prevê dois tipos de problema na reflexão sobre as seqüências textuais: (1) a relação entre a unidade “texto” e a unidade “seqüência” quando um mesmo texto comporta mais de uma seqüência de mesmo tipo e até seqüências de tipo diferente; (2) a definição precisa a

das unidades constitutivas da seqüência, já que, num protótipo narrativo, descritivo ou outro, “uma seqüência pode ser designada como mais ou menos narrativa, descritiva, etc.” (1992, p. 30).

Para o teórico, porém, parecem existir esquemas prototípicos das cinco seqüências acima designadas, os quais permitem que sejam distinguidas umas das outras. Os indivíduos teriam um esquema ou imagem mental do protótipo-objeto abstrato, construído a partir de propriedades típicas da categoria, o que permitiria o reconhecimento ulterior deste ou daquele exemplo como mais ou menos prototípico.

J.-M. Adam reconhece que a criatividade e a heterogeneidade aparecem antes das regularidades e justifica o fato afirmando que tal acontece porque, “ao nível textual, a combinação de seqüências é geralmente complexa” (ADAM, 1992, p. 31). Para o lingüista, no entanto, existem textos que apresentam estrutura homogênea. Dentre estes, estão os que comportam uma só seqüência. Desde a publicação de 1987, J.-M. Adam exemplifica esse caso remetendo vagamente à narrativa (narrativa mínima), mas não traz exemplo de uma narrativa dessa ordem. Já nas publicações de 1990 e 1992, embora mantenha a possibilidade da existência de textos que comportem uma só seqüência e continue se referindo à narrativa mínima, diz tratar-se, nesse caso, de uma “quase homogeneidade”, já que, “numa narrativa mínima, por exemplo, as proposições descritivas e avaliativas com freqüência se juntam a proposições narrativas” (ADAM, 1992, p. 31).

A outra forma de manifestação da homogeneidade ocorre, conforme o lingüista, quando o texto comporta certo número (n) de seqüências do mesmo tipo, sucedendo, por exemplo, serem todas elas narrativas. Nesse caso, as seqüências podem se seguir linearmente e

serem coordenadas entre si, ou podem ser inseridas umas nas outras em um ponto qualquer da seqüência principal.

Para J.-M. Adam, as tipologias globais atendem apenas os casos simples de estruturas seqüenciais homogêneas ou quase homogêneas. Porém, afirma ele, como o corpus de textos disponíveis é naturalmente complexo e comporta os casos de estruturas heterogêneas, apenas a abordagem seqüencial permite considerar os casos de heterogeneidade. Para isso, propõe as noções de *inserção de seqüência* e de *dominante seqüencial*.

A inserção de seqüência é entendida como o caso simples de seqüências que se inserem em outras. Por exemplo, seqüências narrativas podem se inserir em uma seqüência de argumentação [seq. argumentativa[seq. narrativa]seq. argumentativa], seqüências descritivas, em uma seqüência narrativa [seq.narrativa[seq. descritiva]seq. narrativa], e assim por diante. Na ocorrência de "mistura" de seqüências diferentes, não acontece exatamente uma inserção (mais ou menos marcada) de uma seqüência (mais ou menos completa), mas, segundo o lingüista, uma relação que pode ser descrita pela fórmula [seq.dominante > seq. dominada]. Um exemplo de dominante seqüencial é o caso de um texto que, embora predominantemente narrativo, tenha suas macroproposições ligadas por conectores argumentativos. Nesse caso, a argumentação sublinha o plano de texto sem fazê-lo oscilar para a argumentação.⁴

⁴ J.-M. Adam, no artigo publicado em 1986, ao tentar esclarecer a noção de dominante seqüencial, diz que essa dominância pode ocorrer em função de "esquema de texto" adotado pelo leitor. Por exemplo, a leitura que objetive pesquisar informações sobre um lugar ou sobre uma época em determinado romance, relegando a intriga a segundo plano, torna dominante a seqüência descritiva em relação à narrativa. Essa

Identificar seqüências inseridas e inserentes, dominadas e dominantes pressupõe o reconhecimento de uma estrutura seqüencial. J.-M. Adam diz que tal identificação repousa sobre o “sentimento de uma completude configuracional, mas também, sobre a identificação de reagrupamento (mais ou menos convencionais) de proposições” (ADAM, 1990, p. 92). Para definir “essa estrutura seqüencial global”, é necessário, afirma ele, distinguir os esquemas narrativo, descritivo, argumentativo, etc. dos “simples planos de texto (efeitos de segmentação)” (id., ibid., p. 92). E complementa:

Compreender uma estrutura seqüencial é decidir se se está ou não diante de um texto ou ainda de uma simples parte do texto, é reconhecer uma estrutura seqüencial mais ou menos homogênea e hierarquizar a informação para conservar ou suprimir certas proposições, em função da tarefa ligada à interação em curso (ADAM, 1990, p. 92).

Observamos que os dois problemas previstos pelo teórico são realmente pertinentes, mas de difícil solução. Como se distinguem os esquemas dos “simples planos de texto”?

J.-M. Adam afirma que o “efeito de seqüência” é observado em parte pelo reconhecimento de um agrupamento de proposições numa estrutura seqüencial específica. Diz ele, com A. Petitjean:

Esse reagrupamento pode corresponder ou a uma *estrutura seqüencial adquirida* culturalmente por impregnação, e assim familiar ao leitor/ouvinte, então

definição de seqüência dominante parece não coincidir com a noção dada nas publicações posteriores pelo lingüista, contradizendo a afirmação registrada na obra *Le texte descriptif*, em que se lê: “...a estrutura narrativa é de tal forma predominante que não se pode falar em posição de dominada.” (ADAM E PETITJEAN, 1989, p. 174).

falar-se-á de SUPERESTRUTURA, ou corresponder a uma *estrutura seqüencial dada na ocasião* e portanto não familiar, a qual será designada pela noção de *plano de texto* (ADAM E PETITJEAN, 1989, p. 81).

A maior diferença, portanto, entre superestrutura e plano de texto residiria no "caráter adquirido no quadro de uma práxis e memorizado ("profundo") da primeira, e no caráter dado, submetido à variação ("superficial") do segundo." (ADAM E PETITJEAN, 1989, p. 81).

Na publicação de 1986, J.-M. Adam já insiste na diferenciação entre planos, superestrutura e esquema com o objetivo de dar conta do efeito de seqüência, mas o faz de maneira tão pouco clara que se torna bastante difícil distinguir uma noção da outra:

Plano: noção que se situa no enunciado (ou texto-artefato);

Esquema: noção situada essencialmente junto à leitura-compreensão com seus objetivos (ou suas ordens);

Superestrutura: elas aparecem, em razão de seu caráter convencional, como componentes mistos e se colocam tanto junto ao enunciado quanto junto ao interpretante (ADAM, 1986, p. b12).

Na publicação com A. Petitjean, indagando sobre a possibilidade de se falar de superestrutura descritiva da mesma forma que se fala de superestrutura narrativa, a noção de superestrutura vem relacionada a uma regularidade convencional, ou seja, a "um pequeno número de macroproposições de base ligadas às operações elementares" (ADAM E PETITJEAN, 1989, p. 82). Mas, dizem os autores, esse tipo de estrutura seqüencial possui uma hierarquia não linear, por isso a existência de espécies de planos de textos descritivos destinados a garantir a

linearização da seqüência. Relacionam os planos de texto às "taxionomias adicionais" de Ph. Hamon, as quais "asseguram a coesão do conjunto descritivo" (1991, p. 152). Afirmam que esses planos de textos agem como operadores de empacotamento, tornando legível um conjunto não linear que não é nem causal nem cronológico. Sem a junção de um plano de texto, a leitura-compreensão se tornaria muito complexa. Dizem ainda que certas descrições adotam planos de texto argumentativos, conversacional-dialogais, mas que nem por isso oscilam na argumentação ou na conversação. Mais adiante sustentam:

Na dimensão seqüencial, vimos que é necessário distinguir as *superestruturas* (narrativas, argumentativas, etc.) de simples *planos de texto*, mas a estrutura hierárquica é a mesma nos dois casos (ADAM E PETITJEAN, 1989, p. 92).

Embora para J.-M. Adam o plano de texto esteja indiscutivelmente relacionado à segmentação visível e legível do texto escrito, admite haver confusão entre as noções de "simples plano de texto" e superestrutura, o que gera consideráveis problemas. Por isso, na obra *Les textes: types et prototypes* propõe separar o estabelecimento de um plano de texto, ou *segmentação*, de *seqüencialização*. Para tal, decide abandonar o termo "superestrutura" textual, já que "essa noção tem por finalidade recobrir noções muito vagas" (ADAM, 1992, p. 32). J.-M. Adam concorda com T.A. van Dijk quando diz que a superstrutura "é uma espécie de *esquema* a que o texto se adapta" (VAN DIJK, 1989, p. 143), mas discorda da afirmação do teórico holandês de que

existem também as superestruturas fônicas, gráficas, sintáticas e semânticas. Teoricamente, uma semântica

de superestruturas pode se articular como uma série de 'gramáticas' específicas (VAN DIJK, 1984, p. 2285-2286, apud ADAM, 1990, p. 96).

Para J.-M. Adam, um soneto, por exemplo, não possui uma superestrutura prosódica, como define T.A. van Dijk, mas um plano de texto de dois quartetos + dois tercetos, etc., resultado da segmentação do texto. A natureza descritiva ou argumentativa ou narrativa do soneto deveria ainda ser examinada, ressalta ele.

Em vista disso, passa a reservar a noção de "superestrutura"

à descrição de um nível cognitivo, pré-lingüístico (mas intuitivamente suporte de uma tipologia), de disposições de acontecimentos (ditos 'narrativos' numa acepção pré-lingüística, de estados-propriedades (ditos 'descrição') e de conceitos (ditos 'exposição', 'explicação') (ADAM, 1990, p.97).

O teórico mesmo indaga sobre onde dispor a argumentação e a conversação⁵ nesse nível de abstração que propõe. Sua tentativa de explicação se dá a partir do esquema da Figura 2.

No nível A, pré-lingüístico, J.-M. Adam situa a hipótese de uma textualização ("mise en texte") conhecida através de categorias dotadas de traços universais-cognitivos e histórico-culturais. Supõe ele que, nesse nível, uma narrativa, por exemplo, corresponderia a decomposições de momentos de todo processo-acontecimento: "m₁ (antes) + m₂ (início) + m₃ (desenrolar) + m₄ (fim) + m₅ (depois)" (1990, p. 97). Não se distinguiria, aqui, uma cronologia de uma receita ou de uma descrição de ações ou de uma narrativa, salienta ele. Todas se classificariam como "cadeias de acontecimentos".

⁵ Na publicação de 1990, J.-M. Adam ainda se pergunta pelo tipo instrução-injunção.

<p>NÍVEL A (PRE-LINGÜÍSTICO, PLANO COGNITIVO) SUPERESTRUTURAS ESQUEMÁTICAS Disposição dos acontecimentos, de estados, de conceitos</p>	
<p>NÍVEL B: ESTRUTURAS SEQÜENCIAIS</p>	<p>B1: Organização lingüística hierárquica comum a todas as formas de textualização ("mise en texte"); (Prop (macroprop (Seq (Texto)))) B2: Organizações lingüísticas específicas (os tipos de seqüências)</p>
<p>C1: Assunção ("Prise en charge") (espacos semânticos)</p>	<p style="text-align: center;">NÍVEL C TEXTUALIZAÇÃO</p> <p>C2: Segmentação (do plano de texto à pontuação) C3: Períodos e "parenthésages" C4: ligações em cadeia</p>

Figura 2 - Níveis de textualização (ADAM, 1990, p. 96).

No nível das estruturas seqüenciais (B), distinguida nos aspectos complementares B1 e B2, é possível articular a decomposição pré-lingüística do referente e a linearização. A organização B1, explica, é geral e considera a idéia das proposições como unidades constituintes de macroproposições, essas constituintes de seqüências que são constituintes de textos. Tal nível, esclarece ele, permite responder à exigência de descrição dos fatos da textualidade fora da necessidade de uma tipologia. As diferenciações tipológicas são contempladas no nível B2, que dá conta do "efeito de decomposição pré-lingüística do referente sobre as principais grandes formas de textualização (narração, descrição, argumentação, explicação, etc.)" (ADAM, 1990, p. 97). No nível B, o exemplo da superestrutura narrativa expressa em (A) se

especifica sob forma de macroproposições, confirmando, segundo ele, o empacotamento das proposições elementares:

Pn0 (Entrada-prefácio) + Pn1 (Situação inicial) + Pn2 (Complicação) + Pn3 (Re-ação ou Avaliação intradiegética) + Pn4 (Resolução) + Pn5 (Situação final) + Pn Ω (Avaliação final ou Moral e/ou Coda) (ADAM, 1990, p. 98-9).

No nível C, J.-M. Adam expõe os diversos planos de organização textual. Em (C1), situa a referência (construção de uma representação) e a ancoragem enunciativa. Em C2, o plano de texto tem lugar ou a "segmentação visível e legível" do texto. Saliente-se que ele classifica, na categoria de "segmentação", a mudança de capítulo ou de parágrafo, os títulos, subtítulos e colocação em versos, a diagramação e diferentes corpos de caracteres, como também os sinais de demarcação gráfica em geral⁶. Além da segmentação, no plano de organização textual, J.-M. Adam assinala os modos de empacotamento de proposições complementares através da análise dos períodos e das "parentatizações". Procura demonstrar o papel do período (entendido além dos limites de uma frase complexa), que deve ser examinado no

⁶ J.-M. Adam discorda da denominação de M. Charolles (1988, p. 9), que chama "seqüência" os blocos textuais resultantes do recorte do material discursivo. Diz textualmente Charolles: "Les séquences résultent du découpage du matériau discursif". Ele cita o recorte em parágrafos, o título, os morfemas como "par ailleurs", "quant à", "en outre", "donc", além dos correlativos "d'un côté/de l'autre", "d'une part/d'autre part" como índices de uma atividade "metadiscursiva" que denota um trabalho explícito de organização de enunciação visando facilitar a tarefa de interpretação. Para J.-M. Adam, tudo isso caracteriza a "segmentação", sendo o "segmento" a unidade visível e legível encarregada de sublinhar um plano de texto.

duplo quadro da dimensão rítmica e dos fenômenos de "parentetização" marcados argumentativamente ou não.

Em C4, finalmente, situa as cadeias de ligação (anáforas e co-referência) em sua dupla dimensão textual: assegurar a retomada-repetição (continuidade textual) e garantir a progressão semântica.

J.-M. Adam acredita que somente sobre a base desses seis planos é possível a descrição unificada dos diferentes tipos de texto. As tipologias existentes "saltam diretamente do nível A ao C" (ADAM, 1990, p. 97), por isso são incapazes de dar respostas satisfatórias.

Considerações críticas

O maior mérito do trabalho de J.-M. Adam é o de, a partir do postulado bakhtiniano de heterogeneidade da estrutura composicional dos enunciados discursivos, idealizar um quadro teórico no qual a heterogeneidade é contemplada, procurando sistematizar os elementos que estão em jogo no processo de textualização e estabelecer critérios com que pretendia permitir a definição dos elementos constitutivos dessa heterogeneidade.

Para dar conta disso, como vimos, o lingüista cria a hipótese de que duas dimensões de organização da textualidade, a configuracional e a seqüencial, em constante interação, são as responsáveis pelo "efeito de texto". A primeira designa a unidade significativa do texto; a segunda, que se fundamenta na hipótese de existirem cinco tipos de reagrupamento de proposições elementares, as quais se distinguem

umas das outras por serem categorias textuais puras, é a que permite abordar a questão-chave da heterogeneidade composicional.

O quadro teórico concebido por J.-M. Adam, no entanto, se mostra, em vários momentos, frágil, especialmente a idéia de uma dimensão seqüencial da textualidade, concebendo o texto como uma estrutura composta de seqüências. Seria relevante examinar criticamente os planos complementares da dimensão configuracional, no entanto, devido às limitações deste artigo, enfocaremos apenas a segunda dimensão da organização da textualidade, a seqüencial, identificando uma série de imprecisões.

Começemos pela relação entre os planos B1, da conexidade micro e macroestrutural, e B2, da seqüencialidade. Em B1, J.-M. Adam situa a noção de “plano de texto”, que, enfatiza, não caracteriza seqüência. Em B2, dispõe os esquemas seqüenciais prototípicos — considerados categorias textuais puras —, cuja particularidade básica seria a do empacotamento hierárquico das unidades constitutivas do texto. A condição para se chegar às seqüências prototípicas é distingui-las dos “simples planos de texto” (ADAM E PETITJEAN, 1989, p. 92). Cabe aqui uma primeira questão. Qual o critério que permite distinguir plano de texto de esquema prototípico? A pergunta se impõe, pois, em vários momentos, a diferença não se apresenta de forma clara. Os comentários de J.-M. Adam e A. Petitjean sobre a seqüência descritiva bem exemplificam o quanto é difícil determinar plano de texto e esquema, pois, segundo os pesquisadores, “a estrutura hierárquica é a mesma nos dois casos” (1989, p. 92).

O ocorrido com o texto publicitário *La voiture d'Ali Baba* é exemplar. J.-M. Adam identificou-o, em 1985 (in ADAM E PETITJEAN, 1989,

p. 169; apud REVAZ, 1987, p. 32), como de seqüencialidade predominantemente narrativa; mais tarde, em 1989, na publicação em conjunto com A. Petitjean, o texto é classificado como de seqüencialidade descritiva. Para justificar o fato, os lingüistas alegam que a série de ações orientadas temporalmente, presentes no texto, induzem o leitor a pensar que se trata de uma narrativa. Mas que, na verdade, cada ação de Ali Babá estaria relacionada à descrição de parte do automóvel. Cabe questionar, nesse caso, se as marcas lingüísticas da narrativa estariam assinalando um plano de texto. Ou ainda, se haveria ali também, concomitantemente, um plano de texto descritivo, como sustentam J.-M. Adam e A. Petitjean. Lembremos que essa simultaneidade não caracterizaria a heterogeneidade definida por J.-M. Adam ao longo de seus trabalhos, pois as duas seqüências seriam deduzidas a partir das mesmas marcas. Perguntamo-nos sobre a existência de um critério prático unitário para definição de dom inância.

Com o conto de fadas *La princesse sur un pois* (ADAM, 1994, p.96), o lingüista ilustra a heterogeneidade de tipo [Seqüência dominante > Seqüência dominada]. Ele encontra, no primeiro parágrafo do conto de Andersen, uma seqüência narrativa que domina a argumentativa, caracterizando uma mistura de seqüências diferentes. Pondera o lingüista estarmos diante de uma "seqüência" argumentativa dominada pela "seqüência" narrativa, o que autoriza a conclusão óbvia de existirem duas "seqüências": a narrativa e a argumentativa. J.-M. Adam, no entanto, complementa dizendo que, ali, "a argumentação sublinha simplesmente o plano de texto" (ADAM, 1992, p. 32). Essa afirmação do autor parece contraditória, pois se diz que estamos diante de uma seqüência argumentativa, como podemos estar diante de um plano de texto

argumentativo? Outra questão: "argumentação" tem o mesmo sentido aqui de "seqüência argumentativa"?

Além dessas, outras questões relacionadas aos esquemas prototípicos se colocam. Salieta J.-M. Adam que os esquemas prototípicos seqüenciais são culturalmente transmitidos e possibilitam ao leitor distinguir um esquema de outro, já que são categorias textuais puras. Se esse postulado é pertinente, por que o lingüista muda a classificação prototípica de textos como *Mir Rose* (1981, 1992), inicialmente identificado como narrativo e, mais tarde, como argumentativo? Da mesma forma, em *La volture d'Ali Baba* (REVAZ, 1987; ADAM, 1989), primeiro narrativo, depois descritivo? Mesmo se admitirmos que J.-M. Adam tenha evoluído em sua proposta teórica, passando a encarar o texto de outra forma, como foi possível duas classificações, ainda que em momentos diferentes, se, segundo ele, compreender um texto é reconhecer uma estrutura seqüencial? Em algum momento o lingüista não teria "compreendido" o texto?

Creemos que as imprecisões demonstradas já abalam consideravelmente a distinção dos planos B1 e B2 da dimensão seqüencial da textualidade postulados por J.-M. Adam. No entanto, outros pontos de discussão se destacam. Vejamos a noção de seqüência do lingüista. Ele a define como "uma unidade constituinte do texto [...] formada por um conjunto de proposições, as macroproposições, por seu turno compostas de n (micro)proposições" (1990, p. 85). A seqüência é, portanto, uma unidade de ordem hierárquica superior constituída de unidades de ordem inferior, as microproposições. As macroproposições, hierarquizadas, integram esquemas cuja regularidade leva à identificação de cinco tipos de

agrupamentos seqüenciais. Um texto, por sua vez, é uma unidade decomponível em partes, comportando um número *n* de seqüências.

Pois bem, entendemos com isso que, numa narrativa como o conto de fadas *La princesse sur un pois*, macroproposições compõem uma seqüência narrativa. J.-M. Adam, no entanto, surpreende-nos quando, ao analisar o primeiro parágrafo do conto, isto é, a Pn1 (Situação inicial), diz estar trabalhando com “o parágrafo-seqüência” (1994, p.99) da narrativa. A propósito, a seqüência não é definida como um conjunto de macroproposições? Se essa definição é procedente, como o lingüista identifica, no interior da Pn1, um conjunto de cinco macroproposições que comporiam uma estrutura narrativa dentro da Situação Inicial? É certo que, para justificar a coexistência de macroproposições narrativas no interior de uma das categorias da superestrutura da narrativa, J.-M. Adam precisa dar algumas explicações, como por exemplo, a de que a Resolução ou Pn4 aconteceria ali, “mesmo que não se tenha manifestado nenhuma re(solução) para o problema posto” (1994, p. 100). Na verdade, toda a análise de J.-M. Adam procurando provar a existência de uma estrutura seqüencial dentro da macroproposição Pn1 do conto — que se compõe de dez parágrafos — parece problemática, justamente porque não encontra respaldo no próprio quadro teórico construído pelo lingüista.

Outro acontecimento que envolve a noção de seqüência: J.-M. Adam considera os predicados qualificativos presentes numa narrativa como microproposições descritivas “inseridas”. Pela teoria apresentada, a inserção envolve seqüências. Deduzimos, logicamente, assim, que as microproposições descritivas seriam, nesse caso, seqüências. Quando J.-M. Adam afirma, então, haver um *continuum* entre predicados

qualificativos e funcionais, haveria uma mescla entre seqüências descritivas e narrativas?

Dessas considerações, surgem algumas novas perguntas: (a) as macroproposições que compõem uma determinada estrutura seqüencial (por exemplo, Pn1, Pn2, Pn3, etc.) podem conter, dentro delas, outras macroproposições que componham uma seqüência? (b) como verificar o "efeito de seqüência" em textos em que se misturam seqüências heterogêneas e ainda planos de textos, esses últimos, considerados, em vários momentos pelo lingüista, como seqüências inseridas? (c) seria verdade que o leitor, de posse de uma imagem mental do objeto-seqüência, reconheceria os protótipos nos casos dessas "misturas" seqüenciais? (d) se, como admite J.-M. Adam "a maior parte dos textos se apresenta como "mistura" de diversos tipos de seqüências" (1992, p. 195), e se as seqüências são "mais ou menos típicas, mais ou menos canônicas" (id., *ibid.*, p. 28), então dificilmente estaríamos diante de seqüências com limites de domínio marcados. Como, então, identificá-las? Que critérios definiriam o fim de uma seqüência e o início de outra?

Essa última interrogação remete ao problema da identificação da estrutura seqüencial global. A condição para seu reconhecimento seria distinguir os esquemas narrativos, descritivos, etc. Ressalta o lingüista que, para compreender uma estrutura seqüencial e decidir se ela diz respeito ao texto ou apenas à parcela do texto, é preciso, em primeiro lugar, reconhecer uma estrutura seqüencial mais ou menos homogênea e hierarquizada. Situam-se, porém, em vista disso, mais dificuldades: (a) levando em consideração o questionamento (d) acima, como decidir, muitas vezes, por um ou outro esquema? Lembremos, mais uma vez, que

o próprio lingüista identificou o mesmo texto como representante de dois tipos de estrutura seqüencial. Concluimos que a identificação nem sempre é fácil. J.-M. Adam reconhece: "é freqüentemente difícil determinar que tipo de seqüencialidade global um texto está atualizando" (1992, p. 195); (b) se é verdade que dentro da macroproposição de uma estrutura seqüencial coexiste outro conjunto de macroproposições compondo outra estrutura seqüencial interna, fato ilustrado pelo caso citado do primeiro parágrafo do conto de Andersen ⁷, como identificar, nesse caso, dominâncias e inserções. Esse tipo de coocorrência teria classificação? E em que contribuiria para a identificação da estrutura seqüencial global?

Nossa tentativa de aplicar, na análise de textos, a hipótese de J. -M. Adam de organização seqüencial da textualidade, fez-nos constatar, entre outras coisas, que (a) as figuras de inserção de seqüência e dominante seqüencial, criadas pelo lingüista a fim de facilitar a interpretação das diferentes seqüências que compõem um texto heterogêneo, não são operacionais, contradizendo, inclusive, a distinção entre plano de texto e seqüência, por ele postulada; (b) a definição teórica de seqüência prototípica se choca com a realidade das misturas e dos conjuntos contínuos de proposições que pertenceriam a esta ou àquela estrutura seqüencial. Os limites não se definem, é difícil, quando não inviável, operar classificações; (c) a heterogeneidade constitutiva dos textos é, muitas vezes, de tal forma acentuada, que simplesmente inviabiliza a aplicação do modelo; (d) J. -M. Adam, ao compor o quadro teórico geral dos protótipos seqüenciais, atribui à configuração

⁷ J.-M. Adam identifica, ainda, nesse primeiro parágrafo do conto, um plano de texto argumentativo.

pragmática a complexidade e a heterogeneidade constitutiva dos textos. Apesar disso, prioriza a seqüencialidade, preocupado que está em dar conta do postulado bakhtiniano da sintaxe das grandes massas verbais sob a perspectiva da lingüística do texto exclusivamente. Exemplo disso é a análise do texto publicitário *Le Grand Duché de Luxembourg*, publicada em 1990 e reapresentada em 1994. Observa-se, ao longo do estudo, o esforço do lingüista em fazer prevalecer o seqüencial sobre o configuracional. Entretanto, ao apresentar o fim ilocutório do texto, na conclusão da análise, o lingüista deriva-o do conjunto de planos da dimensão configuracional-pragmática a que a nomeada dimensão seqüencial está subordinada, confirmando, contraditoriamente, a posição teórica do autor que vê o texto como objeto semiológico produzido para fins de interação.

Em resumo, podemos dizer que a proposta inicial de J. -M. Adam de idealizar uma dimensão configuracional responsável pela complexidade e heterogeneidade dos textos é diluída na explanação da teoria dos protótipos seqüenciais, que não dá conta da heterogeneidade constitutiva dos textos porque:

- a) o conjunto dos princípios de sua aplicação é contraditório. O lingüista propõe teoricamente a relação entre a dimensão configuracional e a seqüencial, mas acaba se valendo, na exposição dos modelos prototípicos e na análise de textos, apenas da última. Em outras palavras, há contradição entre a base de tipologização teórica e a que de fato norteia a construção da tipologia;

- b) em decorrência disso, a teoria perde sua força explicativa; considerando a tipologia seqüencial proposta, não é possível explicar a razão da heterogeneidade de textos analisados;
- c) também não são estabelecidos critérios para a classificação do texto em sua totalidade, como o autor ambiciona;
- d) os conceitos propostos para o tratamento das ocorrências heterogêneas evidenciam-se igualmente contraditórios e inoperantes (o problema em diferenciar seqüência inserida/seqüência inserente; seqüência dominada/seqüência dominante; plano de texto/esquema de texto/seqüência);

Entretanto, algumas concepções do lingüista, construídas visando a dar conta da organização do texto, são subsídios valiosos para pensarmos sua composição heterogênea:

- a) a concepção de fim ilocutório inerente aos textos;
- b) a idéia da incessante troca de planos enunciativos;
- c) a noção de dimensão semântica global ou de macroestrutura semântica;
- d) a constatação dos fenômenos de segmentação, locais e globais, um primeiro lugar de instruções para o empacotamento e o tratamento de unidades lingüísticas;
- e) a existência de certas estruturas que organizam hierarquicamente as informações do texto: a estrutura

narrativa, a descritiva, a argumentativa e a dialogal. As estruturas hierárquicas apresentadas por J.-M. Adam, as quais já foram observadas por outros lingüistas, são subsídios interessantes e realmente identificados nos textos. Ressaltamos que o problema está em que o lingüista não oferece critérios definidos para a questão dos textos em que essas estruturas coexistem, nem explica o porquê de elas estarem presentes simultaneamente nos textos.

Diante dos inúmeros questionamentos suscitados pela teoria tipológica dos esquemas seqüenciais, acreditamos que as propostas metodológicas para análise de textos baseadas exclusivamente na teoria de J.-M. Adam devam ser revistas.

Referências bibliográficas

- ADAM, Jean-Michel. Votez Mir Rose, achetez Giscard: analyses pragmatiques. *Pratiques*, Metz, n. 30, p. 73-98, 1981.
- . Dimensions séquentielle et configurationnelle du texte. *Dégres*, Bruxelles, n. 46-47, p. b1-b22, 1986.
- . Types de séquences textuelles élémentaires. *Pratiques*, Metz, n. 56, p. 54-79, déc. 1987.
- . *Éléments de linguistique textuelle*. Liège: Mardaga, 1990.
- . *Les textes: types e prototypes* Paris: Nathan, 1992.
- . *Le texte narratif*. Paris: Nathan, 1994.

ADAM, Jean-Michel; PETITJEAN, André. *Le texte descriptif*. Paris: Nathan, 1989.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

CHAROLLES, Michel. Les plans d'organisation textuelle: périodes, chaînes, portées et séquences. *Pratiques*, Metz, n. 57, p. 3-13, mars, 1988.

DIJK, Teun A. van. *La ciencia del texto*. Barcelona: Paidós, 1989.

HAMON, Philippe. *Introducción al análisis de lo descriptivo*. Buenos Aires: Edicial, 1991.

REVAZ, Françoise. Du descriptif au narratif et à l'injontif. *Pratiques*, Metz, n. 56, p. 18-38, déc. 1987.